

# MATIAS MESQUITA

---

## INTEMPÉRIES PERMANENTES

### POR CINARA BARBOSA

Materializar aquilo que não é dado a permanecer é um norte seguido por Matias Mesquita em sua pesquisa. Mede, pela junção dos contrastes, a primazia que certo caráter de leveza, momentaneidade ou fugacidade deve assumir, por revezamento, em articulação com a sólida e absoluta evidência material. Pela estratégia dessas medidas em sua produção, os contrários entram em relação para trazerem dúvidas das percepções acerca da delicadeza e da brutalidade.

Intempéries Permanentes reúne uma série de trabalhos de sua vasta investigação sobre as possibilidades da pintura em materiais industriais, explorando a aderência dos pigmentos em suportes variados. Ao longo de mais de dez anos de trajetória artística, Matias Mesquita tem examinado o cimento como parte desse desafio ao pintar em placas moldadas por ele. O exercício metódico, insistente e prolongado muito nos explica também acerca de princípios da pintura. O artista carioca, baseado há cinco anos em Brasília, vem de uma família atravessada pelos conhecimentos e questões dessa tradição. Filho da pintora e restauradora, Maria Inês Alvarez e neto do pintor argentino Manuel Alvarez, integrante do grupo de arte geométrica Arte Nuevo, carrega a consciência dos limites e da amplitude da pintura. O artista pintor sabe da inconformação que constitui a prática, à medida que passa a ser compreendida para além de realidades dadas, e por meio de seus próprios elementos, como pensamentos de cor e luz, que se desdobram em tons e texturas e em composições que servem de comentários das convenções plásticas.

É no diálogo com uma certa lógica da irregularidade que se pode refletir sobre essa produção e o que apresenta como ideia de um desvio contínuo. O artista chama de elementos contrastantes aquilo que converge para a realização das obras. Comenta sobre o processo rudimentar, que preza pela força bruta, na modelagem e na construção das placas, contrapondo-se com a delicadeza da pincelada, e, no uso sensível, de luzes e matizes na composição da imagem que se repete. Porém, não permanece a mesma.

A nuvem é, portanto, tanto rosto quanto paisagem, é tanto figura quanto elemento abstrato. Não importa que existam tipos de nuvens classificadas pois não se trata de um inventário. Elas comparecem para tratar do teor da efemeridade. Por sua vez, o material bruto da pedra cimentícia, a frieza da placa de alumínio e o peso dos tijolos apontam para a tentativa de uma estabilidade falida, só passível de ser identificada quando ambos 'os contrários' se conjugam. É falso que consigamos reter as alterações das coisas submetidas às condições a sua volta. Interessa ao artista, portanto, mencionar a ilusão proferida por artifícios destinados à sensação de permanência. A pintura é um desses engenhos que advêm com a promessa de reter algo fugidio. Para o momentâneo, instantâneo, morredouro, passageiro, provisório, caduco, transitivo, fátuo ou tênue, Matias Mesquita deseja que possamos reparar nessa espécie de dualidade que implica a noção de permanência dos fenômenos. Muitos deles, senão todos eles. Pois, se a intempérie é constante, devido às variações das condições que lhe são próprias, quais são então as nossas ilusões de que algo é capaz de se conservar no tempo?

A pintura a óleo acrescenta um dado a mais, tendo em vista que exige que seja feita sem pressa. Há um tempo de feitura desse trabalho que não se deixa divisar totalmente. Mas é preciso que se tome consciência dos momentos de espera, das etapas de preparação do material para o efetivo trabalho, da nova espera para a secagem da argamassa e da tinta, e das remodelações a partir dos resultados sempre em curso. Por meio desse processo, o artista experimenta também os efeitos de transformação da sua própria paleta. Ao acompanhar os desdobramentos dessa produção ao longo de alguns anos é tentador arriscar a respeito de nuances azuis e de referências destas tonalidades que vêm sendo acrescentadas às obras. Ao percorrer o quanto há nos trabalhos de azul cantão (porcelana chinesa), azul real (cor do céu), azul ultra - marino (mares), azul baço (céu de nuvens

cinzentas), azul cerúleo (o mais azul), pode-se imaginar também qual seria o matiz mais verdadeiramente regular, que se poderia alcançar, para sintetizar o azul, de um céu e mar, que caracteriza em espírito a cidade de Brasília. Matias compreende também que é desse paradeiro, ou seja, desse lugar, que percebe o mote da transitoriedade que pontua suas questões.

Para esta exposição foram criados agrupamentos de seis séries novas divididos em segmentos de telas-monumentos de parede e esculturas-pictóricas. De maneira geral, é possível percorrer a variação com que a imagem pintada se funde à materialidade da escultura, apresentando uma linha de pesquisa artística técnico-material muito particular e, que de certa maneira, vem exercendo uma significativa troca de influências no meio artístico da cidade e fundando novos horizontes.